

**O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE: A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PODE  
RESSIGNIFICÁ-LO?**

**THE BODY IN CONTEMPORARY TIMES: CAN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION RE-SIGNIFY IT?**

Andréia Santos Gonçalves\*  
Aldo Antonio de Azevedo\*\*

---

**RESUMO**

O presente artigo, de cunho interpretativo, apresenta uma reflexão acerca do papel da Educação Física Escolar na ressignificação do corpo em face do estereótipo construído na contemporaneidade. Recorre-se às contribuições de alguns estudiosos do corpo, em especial, Breton; de algumas idéias de sociólogos como Durkheim e Foucault e do antropólogo Mauss. Aborda-se, também, reflexivamente, a questão do corpo no “fazer” da Educação Física, no qual professor e os alunos reúnem possibilidades de ressignificação do corpo pela conscientização, superando a fragmentação e propondo a interdisciplinaridade na sua constituição. A reflexão exige, portanto, o reconhecimento da realidade da prática pedagógica da Educação Física na escola enquanto espaço social emancipatório, e não como mero reproduzidor de práticas a-críticas.

**Palavras-chave:** Corpo. Sociedade. Educação Física escolar.

---

**APROXIMANDO-SE DA TEMÁTICA**

Nos últimos anos as discussões e os debates sobre a relação corpo-homem-sociedade tornaram-se primordiais para aqueles que de alguma forma lidam com o corpo em diversos espaços sociais, dentre os quais a escola. Considerado por Breton (2006, p. 9) como fenômeno social, cultural e biológico, eixo de ligação do homem com o mundo, fundamento da existência individual e coletiva, o corpo, nos dias atuais, vem se constituindo como um objeto obscuro, turbulento, ambíguo e confuso, em razão do discurso da modernidade. Esta colabora com a apologia do corpo como um objeto, apoiado numa materialidade física, que incorpora em si a forma de mercadoria.

A valorização contemporânea do corpo, então, idealiza um narcisismo utópico estabelecido por padrões de beleza concebidos

por uma sociedade alienada. Nesse sentido, a corporeidade, segundo o autor supracitado, é socialmente moldável, ainda que seja vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo. Desse modo, os outros indivíduos contribuem para moldar os contornos de seu universo e dar ao corpo o relevo social que necessita. O corpo torna-se, então, um produto, um rascunho a ser corrigido, um acessório da presença, testemunha de defesa usual daquele que o encarna, sendo, assim, a descrição da pessoa deduzida da feição do rosto ou das formas de seu corpo, ou seja, condição material da existência da vida no mundo (BRETON, 2006, p. 9).

Dentre as conseqüências imediatas dessa condição, temos percebido um grande apelo e idolatria à imagem narcisista do corpo, que se traduz social e culturalmente nas instituições e nos discursos que nelas são produzidos. A escola, como instituição social, não está imune a

---

\* Mestranda do Curso de Educação Física Escolar da Universidade de Brasília..

\*\* Doutor. Professor do Programa de Pós-graduação e de graduação da Faculdade de Educação Física e do Departamento de Sociologia da UnB.

tais concepções, incorporando práticas que suscitam a crítica com fundo ideológico. Essas concepções contribuem para sedimentar a visão do corpo como uma superfície de inscrição de eventos, práticas e relações de poder, sem apontar perspectivas distintas da simples crítica pela crítica, capazes de mostrar novos caminhos de ressignificação do corpo nos espaços sociais.

A Educação Física, por sua vez, constitui não apenas uma prática pedagógica na qual professor e aluno se relacionam em um espaço dinâmico, mas uma área de conhecimento presente na grade curricular da escola, que tem o corpo como seu objeto de intervenção e o principal referencial a ser considerado no trabalho do professor e na ação do aluno. Desse modo, a Educação Física deveria servir para formar criticamente o sujeito (aluno) em seu processo de aprendizado, de conscientização e de aquisição de conhecimentos e experiências para a vida, respeitando as diferenças, o próprio corpo e o corpo do outro.

Daólio (2005), doutor em Educação Física, docente na Faculdade de Educação Física da Unicamp, atua na área de Educação Física escolar sendo responsável por embasamentos teóricos sobre a Abordagem Plural da Educação Física, que tem esses elementos como pressupostos, por exemplo, considera que os alunos, independentemente de suas diferenças, são iguais quanto ao direito à prática de atividades físicas, pois a valorização excessiva do rendimento corporal nas aulas privilegia apenas um grupo de alunos que possuem melhores aptidões físicas, incentivando a competição e a formação de elites nas aulas de forma desnecessária. O papel pedagógico da Educação Física deve visar à libertação integral do ser humano e à recuperação de sua dignidade corporal, buscando a autonomia de movimentos corporais.

A essência desse posicionamento e de outros que apontam críticas e denunciam o que está sendo feito constantemente vem à tona e leva-nos a refletir e a repensar a questão do corpo na Educação Física, em especial, no que se refere à prática escolar. Desse modo, justifica-se no presente artigo a tentativa de apresentar condições e possibilidades para uma ressignificação do corpo por intermédio de

reflexões sobre esse fenômeno, avançando da concepção de objeto para a de sujeito.

Para isso alguns questionamentos precisam ser elucidados. A prática da Educação Física na escola hoje confere significados contemporâneos ao corpo? Que significados podem ser identificados nessa prática? Tais significados estão permeados pelos valores da concepção de objeto ou de sujeito? A considerar que a prática está permeada pela significação do corpo como objeto, a serviço da sujeição, das regras institucionais, do poder e da mídia, quais as condições e possibilidades de ressignificação desse corpo pela prática da Educação Física na escola?

São questões como essas que pretendemos discutir neste trabalho, com a certeza de que o problema não se esgota aqui, mas também com a intenção de reacender os discursos nas práticas da Educação Física na escola. Afinal, não existe um discurso e uma prática, mas discursos e práticas que os indivíduos constroem nas instituições.

O corpo, então, é hoje um desafio sociopolítico-econômico importante e o analista fundamental de nossa sociedade, e diante deste cenário, redescobri-lo escreve um movimento que permite ressignificá-lo como um potente marcador social da contemporaneidade. A Educação Física tem um papel fundamental no contexto desse desafio.

## REFLEXÕES INICIAIS

Acredita-se que o corpo é a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que de alguma forma o distingue dos outros; ou “um fator de individualização”, segundo Durkheim (1995), no qual são feitas modificações no intuito de serem corrigidas suas imperfeições e o indivíduo ser melhor aceito socialmente. Diante dessa premissa, o debate teórico aqui proposto nos remete, inicialmente, a desvelar aspectos relacionados aos significados do corpo ao longo da história humana, a constituição das aparências corporais e as conseqüências dessa busca incessante pelo corpo ideal, pois esse sentimento de insatisfação e insuficiência em relação ao corpo levará o ser humano a buscar estratégias para modificá-lo constantemente e

assim atender às exigências sociais e individuais.

O corpo, destarte, passa a funcionar como operador de sistemas de classificação e hierarquização social, na medida em que atributos como a forma física e a aparência que ele revela são elevados a critérios que posicionam e valoram, diferentemente, os estilos de vida na cultura contemporânea.

Nesse contexto das sociedades contemporâneas existem registros de uma redescoberta do corpo, após uma era milenar de puritanismo sob o signo da libertação física e sexual. Sua inteira presença está marcada nas aparências, na publicidade, na moda, na cultura de massa, no seu uso nas diferentes classes sociais, na obsessão de juventude, de elegância, de virilidade, de feminilidade, nos regimes, nas práticas de sacrifício a ele ligadas, no mito do prazer, no esporte, entre outros aspectos que o envolvem. Tudo isso testemunha que o corpo é referência central e dotado de relevância social, suscitando investigações sobre esse fenômeno que, especificadamente, é objeto de estudo da Educação Física. Não obstante, quais seriam seus significados ao longo da história?

### OS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO CORPO AO LONGO DA HISTÓRIA

Para chegarmos a ressignificar o corpo através da Educação Física na escola diante dos estereótipos de corpos ideais, construídos contemporaneamente, faz-se necessário resgatarmos os conceitos de corpo construídos ao longo da história humana. É importante lembrar que o corpo é construído historicamente, e sendo assim, temos a oportunidade de significá-lo ao longo de cada época ou período histórico.

A princípio, enquanto objeto de estudo de vários campos disciplinares como a biologia, a medicina, a fisioterapia e a educação física, o corpo assumiu uma conotação de organismo vivo. Analisando-o como uma célula autônoma ou como células que funcionam de modo integrado, percebemos a harmonia entre órgãos no desempenho de suas funções. Esse conceito traz em si uma definição advinda do funcionalismo de Durkheim (1858-1917) principal representante do funcionalismo

(funções desempenhadas pelas pessoas para harmonia social), no qual a existência de uma consciência coletiva seria formada pela socialização do ser humano nessa sociedade. É considerado o pai da Sociologia moderna, tendo fortes influências das ciências biológicas e do método científico. Concretizou o princípio de que os verdadeiros objetos de estudo da sociologia eram os “fatos sociais”, que entende o corpo de forma biológica, tendo-se como consequência o seu aprisionamento na organicidade, sendo ele, portanto, apenas um fator individualizador, segundo a função social assumida por seu “dono”. O corpo constituiria, nessa perspectiva, um “fato social”, que pode ser concebido como uma “coisa” viva ou, simplesmente, uma “coisa”.

Não obstante, essa definição puramente biológica de corpo, remanescente do final do século XVIII e início do século XIX, que nasce junto com as ciências sociais, mostrou-se insuficiente, isto é, limitada para explicá-lo em toda a sua complexidade, pois tanto poderia expressar a definição de um animal qualquer como a de um ser humano, ou ainda, de uma “coisa”, nos dizeres de Durkheim. Assim, o corpo não se constituiria somente em uma coleção de órgãos arranjados segundo as leis da fisiologia e da anatomia; mas, antes, em uma estrutura simbólica, superfície de projeções, capaz de unir as mais variadas formas culturais.

Sabe-se, por outro lado, que nem sempre foi assim. O corpo na Idade Média era percebido como centro dos acontecimentos, havendo uma idolatria divina sobre ele e uma conseqüente separação do corpo (res) profano, e espírito (cogito) sagrado, sendo aqui definido como um instrumento de consolidação das relações sociais, de modo que as características físicas do corpo, como altura, cor da pele, peso corporal, entre outras, associadas ao vínculo que o indivíduo mantinha com o feudo eram determinantes na distribuição das funções sociais. A moral cristã tolhia qualquer tipo de prática corporal que visasse ao culto ao corpo, pois esse culto poderia transformar a alma de sagrada em impura.

Na Renascença, o corpo passa a ter um significado dentro de bases científicas, servindo de objeto de estudos e experiências, em que a disciplina e o controle corporais eram preceitos

básicos. Todas as atividades físicas relacionadas ao corpo eram prescritas por um sistema de regras rígidas, visando à saúde corpórea. Com isso o dualismo que opõe o corpo e o espírito, descrito primeiramente por Platão, que afirmava ser o corpo cárcere da alma, e vivido por Descartes na forma cartesiana que constituía o homem em duas substâncias - uma pensante, a alma, razão de sua existência, e a outra material, corpo visto como objeto para carregar a alma pensante - passou a ser analisado de outra forma na contemporaneidade.

Já na Idade Moderna essa cisão entre corpo e mente tornou-se possível com fundamento no desmantelamento da estrutura feudal e a conseqüente desestruturação do poder da Igreja Católica, proporcionando uma reorientação na forma de pensar o homem e sua relação com o corpo. “Os anatomistas antes de Descartes e da filosofia mecanicista fundam um dualismo que é central na modernidade e não apenas na Medicina, aquele que distingue, por um lado, o homem, por outro seu corpo” (BRETON, 2003, p. 18).

Esta visão moderna traz em si um modelo de corpo-máquina, socialmente oprimido e manipulável, visto sob o prisma do ganho econômico a qualquer custo. Também não se pode abstrair desse modelo o local do exercício do poder disciplinar, nos termos das sujeições descritas por Michael Foucault (1986). Ainda como decorrência, a exploração recaía também sobre o corpo de quem trabalha, no intuito de maximizar a utilização da força de trabalho. Sem dúvida, estava aí implícita uma prática domesticadora que impossibilitava a corporeidade do trabalhador.

Na base desse conjunto de formas de tratar o corpo está o pensamento de Descartes, que nos permite uma interpretação de tais tratamentos, e ao apresentar sua idéia de *cogito*, “prolonga historicamente a dissociação implícita do homem com seu corpo despojado de valor próprio” (BRETON, 2003, p. 18).

O projeto moderno, por assim dizer, não só se fundamenta na dissociação do corpo e espírito, como também se incumbe de dividir o lado material – corpo humano – entre essência (*cogito*) e aparência (corpo – parte externa).

No entender de Habermas (1987), esta dualidade e a maneira encontrada pelo homem

para lidar com os problemas gerados pela modernidade produziram quadros patológicos na sociedade, determinando crises de direção e até mesmo diminuição na integração societária. Essas crises de direção podem ser compreendidas no sentido da teoria weberiana como o desencantamento do sujeito com o quadro moderno, em que a vida para o homem aparece sem sentido em função de sua descrença, especialmente, com relação à vida mundana.

Na dinâmica desse processo e com o advento do modelo socioeconômico capitalista, implica-se a racionalização desse corpo como máquina produtiva para o trabalho e um individualismo exacerbado que acaba se refletindo no corpo, reprimido e controlado, e nas suas relações com o mundo.

A apropriação e aplicação desses conceitos são percebidas dentro da história moderna e, de acordo com Michael Foucault:

o controle da sociedade sobre os indivíduos não opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo e com o corpo. Foi no biológico, o somático, no corporal que antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica (FOUCAULT, 1979, p.80).

Com isso, infere-se da obra foucaultiana que a sociedade capitalista necessita de corpos fortes, saudáveis e homogêneos para atender à lógica de mercado, e de rotinas desumanas de trabalho em busca da alta produtividade e do lucro, uma vez que são utilizados, transformados e aperfeiçoados para atender ao capitalismo e estão assim, sujeitos às técnicas de disciplinamento.

Marcel Mauss (2003), sociólogo e antropólogo francês, sobrinho de Durkheim e por ele influenciado, formulou o “fato social total” em “O ensaio sobre a dádiva” (1924) para designar fenômenos sociais complexos que abrangeriam interpretações provenientes de diversas áreas do conhecimento, interdisciplinarmente, apresentando sua noção de técnica corporal, consegue situar o diálogo entre diferentes campos disciplinares, especialmente no das ciências sociais e no da Educação Física, extrapolando a visão

funcionalista e fragmentada de corpo, definindo-o como o primeiro e mais natural instrumento do homem. As técnicas corporais se definiriam como “as maneiras pelas quais os homens de sociedade em sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (MAUSS, 2003, p. 401).

O referido autor, considerando o homem como ser total, isto é, um ser em cuja constituição se fazem presentes os aspectos biológicos, psicológicos e sociais, promove uma ruptura nas definições preponderantes no campo das ciências da saúde e no das ciências sociais, quebrando o determinismo biológico e vertentes sociais que pretendiam, durante o século XIX, tratar o homem apenas sob o prisma social e compreendiam a dimensão humana a partir do pressuposto de que o homem constitui um “fato social total”.

Agora, o dualismo contemporâneo apresenta-se separando o homem de seu próprio corpo, que é transformado em um objeto a ser moldado e modificado conforme o gosto do dia. Desse modo o corpo equivale ao homem, no sentido de que, modificando-se as aparências, o próprio homem é modificado, em razão das exigências nos diversos setores da vida (escola, trabalho, religião, esporte, etc.). Temos, assim, o corpo como uma máquina produtiva, independentemente da forma como ele seja empregado, e essa insuficiência em relação ao corpo é o que tem levado o ser humano a buscar estratégias para modificá-lo constantemente e assim atender às exigências sociais.

Diante do exposto, qual seria, então, o conceito de corpo na contemporaneidade? A considerar o contexto atual, a complexidade da sociedade e das suas relações, pode-se dizer que seria o de um corpo frágil, com limitações e em busca constante de perfeição, visto como um elemento que interrompe, que marca os limites da pessoa, o local onde começa e termina a presença do indivíduo, sofrendo influência inegável da sociedade. O corpo seria uma condição material da existência da vida no mundo.

Em face de tais características, sugerimos, por assim dizer, a existência de uma valoração da aparência desse corpo no social. Não obstante, como se opera esse valor na sociedade nos dias atuais?

## O VALOR DA IMAGEM CORPORAL

A aparência corporal responde a uma ação do ator relacionada com o modo de se apresentar socialmente e de se representar quotidianamente. Engloba a maneira de se vestir, de se pentear e ajeitar o rosto, de cuidar do corpo, entre outras, maneira que muda conforme as circunstâncias e de acordo como o estilo da presença do indivíduo. Segundo Breton (2006, p. 77), sociólogo e antropólogo considerado uma importante referência para os estudos sobre o corpo, é professor da Universidade de Estrasburgo II na França, o primeiro constituinte da aparência tem relação com as modalidades simbólicas de organização sob a égide do pertencimento social e cultural do ator. Elas seriam provisórias e amplamente dependentes dos efeitos da moda. Por outro lado, o segundo constituinte diz respeito ao aspecto físico do ator, sobre o qual dispõe de pequena margem de manobra: altura, peso, qualidades estéticas.

São esses os traços dispersos da aparência, que podem facilmente se metamorfosear em vários indícios, dispostos com o propósito de orientar o olhar do outro ou para ser classificados, à revelia, numa categoria moral ou social particular que, posteriormente, se transformará em engajamento social.

A apresentação física de si passa a valer socialmente como se fosse a apresentação moral: pessoas de traços fisionômicos finos, brancas, loiras e bem vestidas são vistas como de “boa índole”, angelicais, e a elas não seria atribuído nenhum tipo de preconceito ou crime, pois a composição de sua aparência aproxima-se do ideal produzido ideologicamente; por sua vez, as de traços contrários a esse modelo, estabelecido socialmente, seriam vistas como de “má índole”.

A cultura, contudo, ao marginalizar os que se encontram na “diferença”, tende a levar as pessoas a buscarem uma aparência que as torne muito parecidas entre si. Essa semelhança não significa igualdade - pelo contrário, remete ao ostracismo aqueles cujas qualidades despertam vergonha e assim, são negadas, escondidas e camufladas. Isto se dá principalmente em relação aos negros, que se sentem distantes desse modelo, e para dele se aproximar muitas vezes renegam sua etnia. Assim, moldam-se os corpos de forma que a peça no “quebra-cabeça

social” se encaixe perfeitamente, pois se forem diferentes não servirão adequadamente para a rede que constitui a sociedade.

O corpo torna-se, então, a descrição da pessoa, testemunha de defesa usual daquele que o encarna. As qualidades dos homens são deduzidas da feição do rosto ou das formas de seu corpo e ditam seu caráter, havendo uma associação entre a pureza do visual e a pureza do coração.

Breton (2006) expõe que a ação da imagem coloca o ator sob olhar apreciativo do outro e, principalmente, o coloca na tabela do preconceito, que o fixa de antemão numa categoria social ou moral, conforme o aspecto ou detalhe da vestimenta e conforme a forma do rosto ou do corpo. Os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento a determinado grupo social.

O homem mantém com o corpo, visto como seu melhor trunfo, uma relação de terna proteção, extremamente maternal, da qual retira um benefício ao mesmo tempo narcíseo e social, pois sabe que, em certos meios, é a partir dele que são estabelecidos os julgamentos dos outros.

O corpo torna-se um acessório, um objeto imperfeito, um rascunho a ser corrigido. Veja-se o sucesso da cirurgia estética: trata-se de fato de mudar o corpo para mudar a vida, pois o corpo exaltado não é o corpo com o qual vivemos, mas um retificado, redefinido, remendado para atender a padrões sociais estabelecidos como ideais.

Neste sentido, conforme Detrez (2002), se as pessoas, de forma alienada, tentam se modificar indiscriminadamente para pertencerem a um pequeno grupo, a beleza deixa de ser hereditária, pois o que é belo para determinado grupo social pode não sê-lo para outro.

Esse caráter disponível e provisório do corpo, sutilmente separado de si, mas colocado como o caminho propício para fabricar uma presença à altura da vontade do domínio dos seus atores, faz da anatomia não mais um destino, mais um acessório da presença, uma matéria-prima a modelar, redefinir e submeter ao *design* do momento. O corpo não é mais apenas, nas sociedades contemporâneas, a determinação

de uma identidade intangível, a encarnação irreduzível do sujeito, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável, suscetível a muitos emparelhamentos.

Dentro desse cenário, a chamada indústria cultural, de acordo com Detrez (2002), exerce forte poder sobre o corpo humano e o influencia com uma exposição de exemplos magros e malhados, idealizando estereótipos invejáveis. Citando o filme *Sherek*, a autora mostra que há possibilidades de fugir desse contexto, pois ao expor um personagem protagonista de aparência feia, fez o telespectador refletir que não precisamos de transmutações para agradar os olhos alheios; o que vale é o caráter moral, estar bem consigo e não ser uma figura linda visualmente, exemplo este que é exceção diante da galeria de filmes comerciais que ditam padrões de beleza.

Nossas sociedades não consideram o corpo como um destino, uma cepa identificadora radical, mas como um acessório da presença, uma forma de ser posta em cena ou reconfigurada da melhor maneira possível. Para tal, são usados todos os meios possíveis para melhor se expor ao mundo: a cirurgia plástica ou estética modifica as formas corporais ou o sexo, os hormônios ou a dietética aumentam a massa muscular, os regimes alimentares mantêm a silhueta, os *piercing* ou as tatuagens dispensam os sinais de identidade sobre a pele ou dentro dela; ou seja, o indivíduo tenta reivindicar o remanejamento de seu corpo à vontade e revelar modos inéditos de criação. Existem alguns que sonham em até agir diretamente sobre a fórmula genética do sujeito para modelar a forma de seus futuros descendentes e diminuir as remodelagens futuras.

Todas essas condutas isolam o corpo como uma matéria à parte que fornece um estado do sujeito; o corpo é o suporte de geometria variável de uma identidade escolhida e sempre revogável, uma proclamação momentânea de si, pois se não é possível mudar sua condição de existência, pode-se pelo menos mudá-lo de múltiplas maneiras, “ser o que se é torna-se uma *performance* efêmera, sem futuro, um maneirismo desencantado em um mundo sem maneiras” (BRETON, 2003, p.29).

A cirurgia estética, dentro desse contexto, passa por um desenvolvimento considerável, aumentado por esse sentimento de maleabilidade do corpo. Sua transformação em objeto a ser modelado traduz-se de imediato nos catálogos que os cirurgiões expõem nas salas de espera e que mostram aos clientes para assim propor uma intervenção precisa: seios cheios de silicone, modificados por próteses ou remodelados, vários tipos de *liftings* do rosto, lábios reconstruídos por injeções, lipoaspirações ou retalhamento da barriga ou das coxas, cabelos repicados, implantes subcutâneos, tudo para induzir as proporções físicas desejadas.

A saúde, muitas vezes, fica em segundo plano e os riscos de vida nessas intervenções passam despercebidos, pois o principal objetivo é atender à “necessidade” do momento, de modo que a vontade de modificar os olhares sobre si minimizam os medos, principalmente o de morte. Segundo Breton (2002), a cirurgia estética não é uma metamorfose banal de uma característica física, no rosto ou no corpo: ela opera, em primeiro lugar, no imaginário, e exerce uma incidência na relação do indivíduo com o mundo.

Dispensando um corpo antigo e mal-amado, a pessoa goza antecipadamente de um novo nascimento, de um novo estado civil, e a cirurgia estética oferece um exemplo impressionante de consideração social do corpo como artefato da presença e vetor de uma identidade ostentada. É um verdadeiro corpo “anacrônico” que passa a ser fabricado e incorporado como valor, e geralmente quem não se adapta é colocado à margem da sociedade, criando-se o que se intitula de estigmas, que quase afastam essas pessoas do convívio social, pois são diferentes. Este é o caso, por exemplo, dos adeptos do *body art* (corpo-arte transformado em objeto, simples acessório da presença, como forma de contestação contra a efemeridade do momento, tendo-o como lugar onde o mundo é questionado).

A apresentação da pessoa para o mundo estaria, então, condicionada a fatores alheios à sua vontade, estabelecidos social e culturalmente, os quais a influenciam de tal maneira que ditam seu modo de ser e agir no ambiente em que está inserida. Um dos mecanismos ideológicos desse apoderamento e

aprisionamento do corpo, coletivamente, é a mídia.

### OS USOS DO CORPO PELA MÍDIA

O discurso midiático e os interesses mercadológicos por modelos de corpos ideais, para venderem seus produtos e sua ideologia, que é dominante, crescem constantemente, e o poder que gira em torno deste imaginário faz das pessoas reféns, até certo ponto, dessa ótica corpórea estereotipada. A mídia contemporânea vincula, na maioria das vezes, corpos que se encaixam em um padrão estético “aceitável”, mediados pelos interesses da indústria de consumo, utilizando um jogo de imagens para seduzir os indivíduos e transformá-los em potenciais consumidores de seus modelos de beleza e estética.

Segundo Detrez (2002), ao criar essa associação entre o corpo ideal e o sucesso, constroem a imagem do belo, formando o corpo conforme os saberes e os valores de uma sociedade que o idolatra como uma forma de manipulação das massas, tornando-o um instrumento de poder a serviço da dominação social, política e econômica. Para impor seus padrões, a mídia não se importa com as condições econômicas da maioria das pessoas que são atingidas por seus veículos, pois o importante é impor seus ideais, e cada um que faça o possível e o impossível para adequar-se e atender a seus ditames, para assim ser aceito no grupo ao qual “pertence”. Cria-se desse modo, nessas pessoas, um mecanismo de fuga da realidade e de compensação diante da frustração e da impotência quotidiana provocada pelas diferenças sociais. Trata-se, portanto, de descobrir que corpo para qual sociedade, ou ainda, que corpo por qual sociedade.

O corpo passa a ser condição material da existência da vida no mundo, desse modo a propaganda apodera-se da subjetividade de cada indivíduo e o incita a recriar-se segundo o modo ou estilo de vida que ela divulga. De acordo com Foucault:

As máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam, no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio da suas memórias, de

sua inteligência, mas também de sua sensibilidade, dos seus afetos, de seus fantasmas inconscientes (FOUCAULT, 1979, p. 81).

Breton (2002) afirma que esses valores de mercado que regem a vida da maioria das pessoas são buscados devido à fragilidade e vulnerabilidade do corpo, principalmente à doença e à velhice, que são intoléráveis em sociedades competitivo-capitalistas. Essa exaltação do corpo "coisificado" é um fantasma irrisório de quem abandona toda soberania sobre sua existência para entregar-se às técnicas contemporâneas de eterna juventude; mas claramente evidencia-se que essas representações sociais e culturais que orientam os usos da corporeidade mudam socialmente, pois o corpo recebe reflexos dessa sociedade e por isso se transforma e se reconstrói, numa visão fragmentada de sua realidade.

A mídia, conforme Da Matta (1985), doutor em Antropologia pela Harvard University, realiza pesquisas em etnologia indígena brasileira e escreveu livros sobre a cultura indígena é o meio pelo qual o produto, produzido desumanamente no sistema capitalista, pode ser inserido na rede das relações sociais para a qual se destina, e para esse objetivo a mídia utiliza-se do corpo. Em inúmeras propagandas, os produtos aparecem associados a um corpo saudável e sensual. O objetivo é ligar o produto a ser consumido com um momento de prazer, usando o corpo com a intenção implícita de fazer associação desse produto industrial com vivências de um estilo de vida idealizado, com intensa participação corporal, de criatividade e liberdade, aspectos que estão distantes das reais vivências de corporeidade.

Esse fenômeno resgatado por Da Matta oculta em sua manifestação uma carência, por parte do homem contemporâneo, de momentos em que ele participe como unidade existencial, de corpo e espírito, numa relação próxima de si com seu corpo numa tentativa de humanizar a produção, relacionando-a com um corpo vivo e participante, distante da dicotomização corpo – espírito inerente ao sistema de produção capitalista.

A mídia televisiva, disponível para a maioria da população, é responsável pela

veiculação de imagens e informações que levam a população a criar a ilusão de que podem realizar escolhas autênticas, enquanto de fato todas as escolhas já estão previstas e feitas, facilitando, assim, a aceitação de valores oferecidos pelo discurso midiático e dificultando a possibilidade de construção de outros enunciados sobre eles.

Assim a mídia, ao mesmo tempo em que permite a expansão desse sistema de produção, incentivando o consumo que exige um arquétipo de homem que se ajuste às exigências da sociedade dominante, consagra sua permanência, criando o mito de uma sociedade humana. A mídia, de acordo com o exposto, usa o corpo para estabelecer padrões alienantes, criando um ideário de corpo como objeto de desejo e consumo.

#### **O PAPEL REFLEXIVO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: SIGNIFICAR E RESSIGNIFICAR O CORPO NA PRÁTICA ESCOLAR**

Antes de caracterizar aqui o papel da Educação Física, verificaremos, brevemente, o papel da escola no processo de construção da noção de corpo pelos alunos, à medida que a escola constitui uma instituição social que se encontra em relação dialética com a sociedade onde se insere. Desse modo, ao mesmo tempo em que reproduz as estruturas de dominação existentes na sociedade, constitui-se em um espaço onde se pode lutar pelas transformações sociais. Considerando-se essas estruturas e a possibilidade de transformá-las, os significados conferidos podem ser ressignificados nos contextos das práticas escolares.

A forma de a escola controlar e disciplinar o corpo está ligada aos mecanismos das estruturas de poder resultantes do processo histórico da civilização ocidental. Nesse processo, as práticas escolares tendem a perpetuar a forma de internalização das relações do homem com o mundo, que consiste na supervalorização das operações cognitivas e no distanciamento do corpo, pretendendo não somente discipliná-lo, mas também obscurecer seus sentimentos, idéias e lembranças, e até mesmo anulá-los. Acreditamos que seriam esses os significados tradicionais que freqüentemente são

incorporados pela escola e por ela atribuídos, em sua dinâmica, ao corpo.

Michael Foucault (1986), em seus estudos históricos, relata como se efetiva o poder disciplinar sobre o corpo nas escolas, que nos séculos XVIII e XIX eram tidas como fábricas que reproduziam disposições para ações racionais voluntárias, ao mesmo tempo em que procuravam eliminar, dos corpos, movimentos involuntários. A rigorosa minúcia com que eram estipulados os regulamentos para o comportamento corporal dos alunos, para sua distribuição no espaço e para a divisão do tempo escolar, revela um poder disciplinar que objetiva controlar as erupções afetivas que poderiam surgir do corpo com seus movimentos espontâneos. Com isso os movimentos corporais tornavam-se dissociados das emoções momentâneas, perpetuando o controle e manipulação do corpo.

O referido autor também analisou o corpo socialmente, a partir das relações de poder estabelecidas nos vários setores da vida humana, e como esse poder é exercido sobre o corpo dos indivíduos. Observou que o tipo de investimento feito no corpo, do fim do século XVIII ao início do século XIX, foi um investimento pelo poder de forma densa, rígida, constante e meticulosa, daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas cidades, nos edifícios, nas famílias. A partir dos anos 1960 percebeu-se que esse poder não era assim tão indispensável quanto se acreditava, podendo, então, ser imposto um poder mais tênue sobre o corpo.

Não obstante, não é isso que constatamos em nossas escolas. O que vemos é que esse poder, descrito por Michael Foucault, é vivo e atuante na realidade escolar e não foi atenuado na maioria dos casos. Vemos corpos disciplinados, rigidamente, por professores que, independentemente de sua área de estudo, primam por comportamentos mecânicos e homogêneos dentro de um padrão alienante em que a quietude é vista como condição *sine qua non* para o aprendizado eficaz, e dessa forma conduzem seus alunos a uma vida social submissa e com valores preestabelecidos como adequados.

Com base nesses pressupostos teóricos, a prática disciplinar pode ser considerada como

um significado central na dinâmica de funcionamento da escola.

Segundo Gonçalves (1994), a aprendizagem dos conteúdos é uma aprendizagem sem corpo, e não somente pela exigência de o aluno ficar sem movimentar-se, em cadeiras enfileiradas, mas sobretudo pelas características dos conteúdos e dos métodos de ensino, que o colocam em um mundo diferente daquele no qual vive e pensa com seu corpo. O conhecimento é ministrado de forma fragmentada, abstrata e sem significação para o aluno.

Chegamos à Educação Física, que tem o corpo como seu objeto de estudo e que deve constituir-se em um fator pedagógico voltado à libertação integral do homem e à recuperação de sua dignidade corporal, buscando a autonomia de movimentos corporais.

Recorrendo às contribuições teóricas do filósofo Merleau-Ponty (1980), entendemos que a Educação Física na escola deve possibilitar aos alunos outra visão do corpo, fundada na totalidade humana. Desse modo, os movimentos devem estar integrados a essa totalidade, para a busca da concretude corporal. Isso implica, necessariamente, compreender o homem de forma integral.

A Educação Física escolar deveria, destarte, constituir-se em um espaço para oportunizar aos alunos a compreensão, a crítica e o questionamento desse momento de idolatria à imagem narcisista do corpo, que é veiculada socialmente. Estaria nessa abertura, a condição de possibilidade de ressignificação do corpo, com vista à conscientização da relevância da prática da Educação Física na escola, como uma atividade necessária à própria condição humana, instrumentalizando, assim, os alunos para que possam optar pelo tipo de corpo que querem “carregar” socialmente.

Em que pese à dificuldade de compreender e explicar a transmissão ideológica do sistema dominante do ideal de corpo como uma estratégia reprodutora, alienante e castradora do ser humano, no contexto da prática, a ressignificação deveria ser realizada nas aulas a partir de discussões sobre o que fazer em termos de atividade: prática de esportes, recreação, aulas teóricas, festivais de jogos, atividades junto às comunidades, etc.

Caberia ao professor a responsabilidade por esse processo de conscientização de seus alunos nas práticas pedagógicas. A compreensão e o conhecimento do professor acerca do paradigma do alto rendimento, da veiculação pela televisão e os demais meios de comunicação, do padrão de corpo imposto pela sociedade, dos mecanismos de opressão, violência e estresse diário dos corpos dos trabalhadores, da ditadura do consumo de alimentos agressivos ao corpo e o tratamento mercadológico do mesmo, na moda e no esporte da alta competição, são horizontes de conhecimento que não podem ser perdidos de vista. Afinal, esses usos e malefícios que acometem o corpo reforçam o fato de que este é uma construção social e cultural resultante de um processo histórico que precisa ser considerado e bem fundamentado pelos professores.

Destarte, a Educação Física escolar não pode ignorar as relações do homem com seu corpo e com a sua saúde, no contexto geral onde o homem se insere como um todo, para estar apta a desmistificar, nas práticas vigentes, seu conteúdo ideológico, alienante e contrário aos valores educacionais maiores. Desse modo, a oportunidade de diversidade de escolhas permitiria ao aluno pensar e repensar os padrões e modelos impostos pela sociedade de que está impregnado o “fazer” da Educação Física na escola.

Nesta perspectiva, Miguel Arroyo (2000), em seus estudos sobre educação e teoria pedagógica, afirma que dar ao corpo centralidade no processo educativo é uma tarefa fundamental da escola e principalmente dos professores de Educação Física, e os desafia a buscarem estratégias para recuperar a corporeidade como elemento de formação humana:

A educação dos corpos – não e seu adestramento e controle – merece maior atenção nos processos escolares. É uma das lacunas mais lamentáveis em nossa pedagogia. Recolocar o corpo na centralidade que ele tem na construção de nossa identidade e da totalidade da nossa cultura exige criatividade profissional de todos (MIGUEL ARROYO, 2000, p.72).

A Educação Física na escola confere, hoje, significados contemporâneos ao corpo, devido a uma influência inavergável da sociedade no ambiente escolar. Cabe, então, aos professores, em suas práticas pedagógicas, ressignificá-lo através da conscientização crítica de seus alunos para uma posterior emancipação, transformando o corpo de objeto social em sujeito.

Destarte, o corpo humano, que é construído socialmente e em correlação com fatores biológicos e culturais, deve ser considerado integralmente pelos professores de Educação Física, como sede de signos sociais, levando em conta as experiências culturais dos alunos. Não há, portanto, uma cultura de movimento, mas culturas de movimentos que estão presentes nas experiências dos educandos.

Acreditamos que as condições de possibilidade de ressignificação dos valores estão justamente na mediação entre os conhecimentos culturais e os da escola, a qual deve ser feita pelo professor num clima emancipatório.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo buscamos promover reflexões acerca do corpo como construção social e histórica, no contexto da prática da Educação Física na escola. A partir das premissas relativas aos significados do corpo ao longo da história humana, a constituição das aparências corporais e as conseqüências dessa busca incessante pelo corpo ideal, além das imposições sociais e culturais, são alguns aspectos que indicam a relevância de debater esse tema. Aliás, a temática do corpo sempre esteve na ordem do dia, não apenas nos discursos, mas também nas práticas sociais quotidianas, entre as quais a da Educação Física na escola.

Vimos que o corpo assumiu modelos na história resultantes do poder, das sujeições, da dominação, da exploração dos meios de comunicação de massa (mídia) e das relações e práticas constitutivas dos indivíduos na sociedade e nas suas instituições, que ultrapassam a mera constituição do corpo como uma estrutura biológica ou separada do homem.

A partir da fundamentação teórica, construiu-se uma base para reflexões e

argumentações. Por meio do que foi exposto, ficam evidentes a fragilidade do corpo, suas limitações e o que leva as pessoas a buscarem algo mais, como se fosse uma necessidade de superação.

Como na história, o desprezo pelo corpo é uma forma de desprezar a si mesmo, o que não é verdadeiro para a maioria das sociedades humanas, tanto que em algumas as transformações do corpo realçam uma dimensão lúdica ou uma construção de si próprio. A corporeidade, contemporaneamente, passa a ser determinada por fatores extrínsecos à vontade do indivíduo. Tendo-a ao alcance das mãos, de certa forma, o indivíduo descobre, através do corpo, uma forma possível de transcendência pessoal e de contato. O corpo não é apenas uma máquina inerte, mas um *alter ego* de onde emanam sensações e sedução. Ele se transforma no lugar geométrico da reconquista de si, um território a ser explorado na procura de sensações inéditas a serem capturadas.

O perigoso discurso midiático que nos é imposto, representado pela figura do ídolo a ser copiado, também merece atenção, pois a cultura narcísea mostra pressupostos de beleza física constantemente valorizados e colocados como padrão estético, tornando o corpo descartável, e associadamente a esse descobrimento (desnudamento), desenvolve-se exacerbado apelo à sensualidade, com o conseqüente apressamento da infância e extensão da adolescência, faixa que concentra, além dos padrões de consumo dos bens produzidos pela indústria midiática, a maior clientela da Educação Física escolar.

Por outro lado, há como fugir desse determinismo e não acatar o que é efêmero, descobrindo-se o que o corpo sente e usando-se essas influências sociais e culturais para saber o tipo e estilo de corpo que queremos, com criticidade para analisar tudo que nos é imposto. A partir das identificações feitas, podemos criar nossa própria corporeidade, num processo de individuação (relativo ao sujeito/individual), sem ser objeto de abuso por parte do ambiente

social; ou seja, podemos questionar os valores preestabelecidos como corretos e tomar decisões autônomas. A reflexão aqui proposta evidencia, então, a necessidade da criação de formas de reação e contestação aos novos modos de controle corporal estabelecidos pela contemporaneidade.

Por fim, a Educação Física tem um papel primordial na busca por concepções que visem à emancipação corporal e sua ressignificação, por meio de um discurso crítico da realidade em que o indivíduo está inserido, não se portando como mera reprodutora, para que mudanças efetivas nos atuais paradigmas que norteiam o corpo possam ser concretizadas e assim se possam combater os mecanismos de reprodução dos padrões estéticos referidos. Com isso ela construirá novas formas de interação entre o homem e seu corpo. A escola é o meio propício para a emancipação, pois somente uma forte contrapressão poderá propiciar a libertação do corpo de modo que ele possa absorver as ameaças e delas extrair o alimento de sua renovação, sendo um corpo que não admita maniqueísmos. Será a partir de embates críticos, estimulados durante a intervenção pedagógica do professor (contextualizadas social e culturalmente), que conseguiremos conceber uma Educação Física que trabalhe com corpos, e acima de tudo, com sujeitos, donos desses corpos.

Reside aqui, ainda, a importância de trazer pontos de vista diferentes, como alguns que embasam a sociologia do corpo, descritos brevemente nesse artigo, de modo a iluminar a compreensão em torno deste que é a essência de nossa área, o corpo.

O corpo, então, desvenda um campo infinito de possíveis pesquisas, e o homem só será “libertado” quando qualquer preocupação com o corpo houver desaparecido. E isso algum dia acontecerá?

Acredita-se que a Educação Física pode contribuir para que os alunos dêem ao corpo e às atividades físicas a ressignificação de sua importância, para a sua própria condição de existência.

---

## THE BODY IN CONTEMPORARY TIMES: CAN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION RE-SIGNIFY IT?

### ABSTRACT

This interpretative article presents a reflection on the role of school physical education in re-signifying the body in the face of the stereotyped body created in contemporary times. It makes reference to the contributions from body researchers, especially Breton, and to ideas from sociologists such as Durkheim and Foucault and anthropologists such as Mauss. It also reflects

upon the body issue in physical education practices in which teacher and students both hold body re-signifying possibilities through an awareness process that helps to overcome fragmentation and proposes interdisciplinarity as a key element. This reflection demands that the reality of pedagogical practices be recognized in school physical education as a freeing social space, and not as a mere emulator of non-critical practices.

**Key words:** Body. Society. School Physical Education.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. **Ofício de mestre. Imagens e auto-imagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- AZEVEDO, A. **O poder na escola:** um estudo da prática disciplinar na Educação Física. 1993. Dissertação- (Mestrado em Educação Brasileira)-Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1993.
- DAMATTA, R. **Vendendo Totens – Prefácio Prazeroso para Everardo Rocha.** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DAOLIO, J. **Da cultura do corpo.** Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- DETREZ, C. **La construction solicale du corps.** Paris: Éditions du Senil, 2002.
- DURKHEIM, É. **Da divisão do trabalho social.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir – corporeidade e educação.** Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- HABERMAS, J. **The theory of communicative action.** Boston: Potity, 1987.
- KUNZ, E. **Educação física: ensino e mudanças.** Ijuí: Unijuí, 2001.
- LE, B. D. **A construção social do corpo.** Campinas, SP: Papyrus, 2002.
- LE, B. D. **A sociologia do corpo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- LE, B. D. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- MAUSS, M. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Casac & Naify, 2003.
- MEDINA, J. P. **A Educação Física cuida do corpo e... “Mente”.** Campinas, SP: Papyrus, 1987.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Rio de Janeiro: Freitas Barros, 1980.

Recebido em 08/10/07  
Revisado em 07/02/08  
Aceito em 06/03/08

**Endereço para correspondência:** Andréia Santos Gonçalves. QNM 20, Conjunto N, casa 08, Cep 72.210.900, Ceilândia Norte, Brasília-DF. E-mail: ndreiaigoncalves@mec.gov.br ou andrea.goncalves@inep.gov.br